

©Copyright, 2006. Todos os direitos são reservados. Será permitida a reprodução integral ou parcial dos artigos, ocasião em que deverá ser observada a obrigatoriedade de indicação da propriedade dos seus direitos autorais pela INTERFACEHS, com a citação completa da fonte. Em caso de dúvidas, consulte a secretaria: interfacehs@interfacehs.com.br

APÓS O IMPÉRIO

Alice Itani ¹

¹ Docente do Mestrado em Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente – Centro Universitário Senac. Av. Eng. Eusébio Stevaux, 823. 04696-000 São Paulo – SP – Brasil. alice.itani@sp.senac.br

O livro *Após o Império*, de Emmanuel Todd, foi publicado em 2002 na França e logo traduzido para diversos outros países. O autor é historiador, cientista político, pesquisador do Instituto Nacional de Estudos Demográficos da França, com doutorado na Universidade de Cambridge, e tem se concentrado em escritos baseados em dados demográficos para análises políticas, articulando educação e fecundidade. Em 1976, assustou o mundo ao escrever *La chute finale: essais sur la décomposition de la sphère Soviétique*, prevendo a queda do império soviético. Trata-se de uma obra exemplar, que reúne explicações para os acontecimentos que culminaram com a crise econômica em 2008.

Pela obra de Todd, essa crise se inicia na década de 1990. O autor faz um diálogo com obras de Michael Doyle (*Kant, Liberal legacies and foreign policy*), Francis Fukuyama (*O fim da história*), Paul Kennedy (*Ascensão e queda das grandes potências; Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*), Samuel Huntington (*The clash of civilizations and the remaking of world order*) e Alexis Tocqueville (*A democracia na América*), entre outros, analisando impérios historicamente e, ao mesmo tempo, levando em conta seus dados econômicos, demográficos e educacionais, associando-os aos regimes políticos.

Inicia o debate no período em que os Estados Unidos se tornam potência mundial, no início do século XX, após a Primeira Guerra Mundial, crescimento obtido com seus recursos naturais e seu processo de ocupação do território, diferentemente do que ocorreu

nos países do Velho Mundo. Este império norte-americano aparece como a terra de liberdade, de abundância e aperfeiçoamento moral, tornando-se uma referência ideológica, quase uma “hiperpotência” com força econômica, social, cultural e estratégica. Os recursos econômicos, militares e ideológicos foram a base para o domínio, com predomínio dos princípios econômicos liberais na esfera política.

No entanto, tais princípios liberais foram também motor para o enfraquecimento de sua economia, afetando sua estrutura interna. Na mesma velocidade em que tiveram crescimento, em 1929 os Estados Unidos detinham 44,5% da produção mundial e, em 70 anos, sua economia perdeu força. Em meados de 1990 e no início do século XXI, o país tinha um déficit comercial de 400 bilhões de dólares. Tem um alto consumo interno, sem conseguir sobreviver com o que produz. Em 2001 tinha um déficit comercial com a China de 80 bilhões, 68 bilhões com o Japão, 60 bilhões com a Europa, 30 bilhões com o México, 13 bilhões com a Coreia e assim por diante. Somente com o petróleo, o país tem um déficit comercial de 80 bilhões. Seu declínio, como uma morte anunciada, vem se acentuando com sua própria capacidade predatória de fazer dinheiro com a economia mundial. Sua economia não pode se manter sem contar com as economias de outros países, tanto europeus como outros – o Japão, por exemplo.

Fazendo um paralelo com os impérios romano e ateniense, Todd analisa as relações entre Estados Unidos, Europa e União Soviética para manter seu domínio em nome da liberdade e da democracia. Isso funcionou até a derrocada do comunismo, que permitiu que mais países entrassem nessa economia liberal em seu modelo organizado, da chamada globalização, de troca assimétrica, como a China e a Rússia. A partir disso, seu papel de protetor passou para a de predador. E, o de protetor, muito mais como habilidade diplomática. Do ponto de vista econômico, tornou-se o Estado de todo o planeta, mesmo tendo se esforçado para reduzir o papel do Estado na economia nacional. Os Estados Unidos se desinteressam pelos princípios da liberdade e igualdade quando estes começam a triunfar no velho Terceiro Mundo. Mas seu maior poder está, ainda, na legitimidade. Os atos terroristas de 11 de setembro de 2001, por exemplo, foram um acontecimento que perturbou o mundo, revelando a fragilidade do império norte-americano, colocando em crise a estrutura mental do planeta, que se assentava na democracia e na liberdade reinante no império.

A queda do império norte-americano não significa que outras potências tenham assumido o controle da hegemonia. Significa mais que isso, que tenha perdido seu poder sobre as demais nações, sobretudo tendo que dividi-lo agora com outras nações. Todd defende a tese de que as sociedades mundiais avançam com melhorias no processo de

alfabetização, controle da natalidade e democratização. Pelos dados de alfabetizados em crescimento no mundo, prevê que até 2030 a alfabetização universal será atingida. E isso se associa ao controle das taxas de natalidade, inferindo que até 2050 o mundo terá população estacionária.

As sociedades passam por um processo de desenraizamento mental, ou desregramentos transitórios associados ao processo de modernização. Nesse processo, há um período de violência, sofrimento e agitação. Em sua análise histórico-política, as sociedades passam por esse processo de transição para chegar a um apaziguamento. Em longo prazo haverá universalização da democracia liberal e da paz. Contudo, isso pode ser uma ameaça aos Estados Unidos, e, nesse sentido, a democracia pode progredir onde era mais fraca e retroceder onde era mais forte. Economicamente dependentes, os Estados Unidos necessitam um nível de desordem que justifique sua presença militar. Se a Rússia se tornar um gigante como democracia liberal, os europeus e japoneses podem dispensar os Estados Unidos, mas este não pode dispensar a eles. E com o receio de que o mundo já não precise deste império, busca-se afirmar seu poderio, mantendo sua imagem e buscando enfrentar pequenos países considerados bélicos para o mundo, como o Iraque, Irã, Coreia do Norte e Cuba, entre outros. E, sobretudo, a potência busca manter o controle político dos recursos mundiais.

Todd em certo momento tem dificuldade em vislumbrar estabilidade democrática em longo prazo na América Latina diante das estruturas familiares não igualitárias, das estruturas econômicas onde se sucedem ciclos de democratização e militarização.

No último capítulo – “Fim do jogo” –, o autor conclui que o mundo tende para uma estabilidade, mesmo se alguns lugares ainda sofram uma transição. Nenhuma ameaça global requer a atividade especial dos Estados Unidos para proteção das liberdades. A única ameaça de desequilíbrio global que paira sobre o planeta são os próprios Estados Unidos, que de protetores se tornaram predadores – demasiado fracos, econômica, militar e ideologicamente. A derrocada soviética não propiciou poderio absoluto. Pretende-se conceber e produzir armamentos cada vez mais sofisticados, mas dirigidos sobre populações desarmadas, com bombardeamentos pesados. O militarismo demonstrativo de 2001, que deveria provar incapacidade técnico-militar dos atores mundiais, acabou por aproximar Europa, Japão e Rússia. Como segunda produtora mundial de petróleo e primeira em gás natural, a Rússia se torna muito mais um parceiro interessante. O movimento de investimentos diretos japoneses nos Estados Unidos passou para a Europa. Juntos representam duas vezes e meia o poderio norte-americano. Mas, cada uma delas possui suas fragilidades, a Rússia pelo enfraquecimento econômico e demográfico, o

Japão pela sua situação demográfica, e a Europa pela falta de unidade e crise demográfica. A esse grupo se junta a China. O afundamento do império soviético e norte-americano não será uniformemente democrático e liberal. O mundo em desenvolvimento caminha para a democracia.

Todd indica que para atuar é preciso compreender antes – aprender a ver o mundo tal como é, evitando domínio da ideologia, da ilusão do momento, do falso alerta permanente criado e mantido pelos órgãos de comunicação social. Os Estados Unidos não são uma hiperpotência. Podem aterrorizar nações fracas. Mas o autor não acredita que algum país possa conseguir aumentar seu poder pela guerra, como nenhum deles conseguiu no século XX. Os Estados Unidos podem encarar uma adaptação benéfica para o conjunto do sistema mundial. O mundo precisa que ela seja democrática, liberal e produtiva. Para ser mais eficaz, a ONU precisa se integrar às relações de forças econômicas atuais. Para Todd, é importante deslocar algumas instituições mundiais para a Eurásia. O Japão, que sofreu um ataque nuclear e se tornou pacifista, é um dos depositários de legitimidade para ser membro do Conselho de Segurança. E se torna necessário criar também outras instâncias internacionais. As atuais, como o FMI e o Banco Mundial, estão muito desvalorizadas.